

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS

A PRESENTIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM CINCO NARRATIVAS DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL AMAZONENSE.

PARINTINS – AM
2017

WILKER SILVA FIGUEIREDO

A PRESENTIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM CINCO NARRATIVAS DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL AMAZONENSE.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade do Estado do Amazonas para obtenção do grau
de licenciado em Letras, pela Universidade do Estado do
Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-
UEA/CESP.

Orientadora: Profª Msc. Delma Pacheco Sicsú

PARINTINS – AM
2017

WILKER SILVA FIGUEIREDO

A PRESENTIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM CINCO NARRATIVAS DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL AMAZONENSE.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade do Estado do Amazonas para obtenção do grau
de licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do
Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-
UEA/CESP.

Orientadora: Prof^ª Msc. Delma Pacheco Sicsú

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Msc. Delma Pacheco Sicsú
Presidente
Universidade do Estado do Amazonas

Membros

Membros

DEDICATORIA

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Neuza Oliveira Da Silva e meu Pai Cesar Figueiredo de Oliveira *in memoria* que nunca mediram esforços quando o assunto era minha formação quando cidadão estudante, que se doaram para que hoje eu pudesse concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me permitiu com o dom da vida e conhecimentos desenvolver este trabalho.

A minha Orientadora Professora Delma Pacheco Sicsu qual tenho maior admiração não só por me orientar neste trabalho, mas que desde o primeiro período da faculdade demonstrou ser uma pessoa amigável e que ganhou minha eterna gratidão. Aos demais professores do meu curso que de alguma forma fortaleceram este espaço de trocas de conhecimento. Em especial ao professor Franklin Roosevelt pela compreensão ao saber de nossas barreiras e limitações enquanto estudantes.

Aos meus colegas de faculdade que se tornaram amigos no decorrer desta jornada, Kelry Tavares, Lorena Davila, Paula Rocha, Wesley Cerdeira que em vários momentos nos fortalecemos um ao outro quando tudo parecia ir mal e não ter solução a companhia se tornou a melhor saída para esses momentos. Agradeço em especial aos amigos fora do espaço acadêmico que também foram de fundamental importância nesse trajeto, Eline Simas, Luana Cativo e Narciso Nunes.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer análise literária acerca da presentificação que o imaginário exerce na literatura Infanto-juvenil amazonense. Tendo em vista que este campo da literatura ainda se faz muito escasso em nossa região amazônica. Utiliza-se neste trabalho a análise das narrativas: *A buzina encantada* do escritor Elson Farias; *O beija flor e o gavião* de Yaguarê Yam; *Essa tal de natureza* de Leyla Leong; *O menino irmão das águas* de Thiago de Mello e *O beija flor e o gavião* do escritor Zemaria Pinto. O presente trabalho vem também com o objetivo de se tornar uma fonte de pesquisa para a população em geral que se fizer necessária, tendo como base de pesquisa as obras: *O imaginário* de Gilbert Durand, *O que é imaginário* de François Laplantine e Liana Trindade e a dissertação de Mestrado Da Professora Delma Pacheco Sicsú que aborda o tema: *O imaginário em narrativas da literatura infanto-juvenil amazonense*. Este trabalho levanta questões instigantes acerca do imaginário e do mito, por construírem a história social das pessoas que habitam este espaço, não somente por meio da oralidade, mas na presentificação que as mesmas têm dentro da literatura escrita. Esse campo de estudo para muitos ainda não foi descoberto. Uma parcela da população que aqui se encontra ainda desconhece o significado de tanta riqueza que se tornou o imaginário presente nas lendas e nos mitos que os acompanha desde muito tempo como lembra os antepassados. Um ponto importante a ser considerado é a literatura que se apresenta em sala de aula nos livros didáticos para as crianças e os jovens, viajam em universos distantes esquecendo aquelas histórias que de perto se fazem presente à população que aqui habita.

Palavras chave: Imaginário, Mito, Literatura Infanto-juvenil Amazonense.

ABSTRACT

The present work aims to make a literary analysis about the presentification that the imaginary exercises in the literature Infanto-juvenil amazonense. Considering that this field of literature is still very scarce in our Amazon region. The analysis of the narratives is used in this work: The enchanted horn of the writer Elson Farias; The hummingbird and the hawk of Yaguarê Yam; Such a nature of Leyla Leong; The boy brother of the waters of Thiago de Mello and O kisses flower and the hawk of the writer Zemaria Pinto. The present work also aims to become a source of research for the general population that is necessary, based on research works: Gilbert Durand's imaginary, What is Imaginary by François Laplantine and Liana Trindade and the Master's dissertation of Professor Delma Pacheco Sicsú that approaches the theme: The imaginary in narratives of the infanto-juvenil literature amazonense. This work raises intriguing questions about the imaginary and the myth, for constructing the social history of the people who inhabit this space, not only through orality, but in the presentification that they have within written literature. This field of study for many has not yet been discovered. A portion of the population here still does not know the meaning of so much wealth that has become the imaginary present in the legends and myths that accompany them for a long time as the ancestors remember. An important point to consider is the literature presented in the classroom in textbooks for children and young people, travel in distant universes forgetting those stories that are closely related to the population that lives here.

Keywords: Imaginary, Myth, Infantile Juvenile Literature Amazonian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I- REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 O IMAGINÁRIO	12
1.2 O IMAGINÁRIO LITERÁRIO	17
1.3 O MITO NA LITERATURA	21
II- METODOLOGIA	25
III-ANÁLISE DE DADOS	29
3.1 <i>Um curumim, Uma canoa</i>	29
3.2 <i>O menino irmão das águas</i>	32
3.3 <i>O Beija-flor e o Gavião</i>	33
3.4 <i>A buzina encantada</i>	36
3.5 <i>Essa Tal de Natureza</i>	40
CONCLUSÃO	43
REFERENCIAL TEÓRICO	45

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em literatura, é provável que venha logo em mente as famosas obras clássicas que todos conhecem ou em algum momento já ouviram falar. Elas estão presentes em todos os lugares em citações de outras obras, em pequenas citações de discursos, em provas de vestibulares, em concursos, em conversas de amigos. É notório, portanto, a presença da literatura em todos os espaços da sociedade, pois esse é o objetivo das obras literárias, acompanhar o contexto histórico social da humanidade.

E a literatura infanto-juvenil amazonense? Pouco falada, pouco discutida e para muitos nem existe literatura nesse espaço chamado Amazonas, mas existem e elas carregam em si esse propósito de materializar a oralidade presente na sociedade.

Apesar de pouco divulgada já existem obras literárias destinadas ao público infanto-juvenil amazonense e escritas por escritores da própria região como Thiago de Mello, Zemaria Pinto, Yaguarê Yamã, e não mais a *literatura de viagem*, aquelas narradas por visitantes que tiravam suas conclusões a respeito dos povos e desse espaço. Essas escritas também eram importantes sim, mas nem sempre descreviam realmente a realidade presente aqui.

O espaço amazonense é rico em sua culturalidade, por isso acredita-se que a maior problemática seja a pouca divulgação das obras já existentes e por existirem poucas obras voltadas para o público infanto-juvenil amazonense, isso faz com que muitos pensem que ela é uma literatura menor, uma literatura inferior comparada às destinadas ao público adulto o que a tornaria no pensamento de muitos uma literatura inferior às destinadas ao público adulto.

Este trabalho tende desenvolver uma pesquisa com base nas fundamentações teóricas sobre o imaginário a partir dos estudos de, Gilbert Durand, Trindade e Laplatine, Maria Zaira Turchi e outras pesquisas que serão citadas ao longo do trabalho.

O trabalho terá como objeto de pesquisa cinco narrativas amazonenses voltadas para o público infanto-juvenil: *A buzina encantada* do escritor Elson Farias; *O beija flor e o gavião* de Yaguarê Yamã; *Essa tal de natureza* de Leyla Leong; *O menino irmão das águas* de Thiago de Mello e *O beija flor e o gavião* do escritor Zemaria Pinto, assim juntamente com os teóricos ora referenciados tem-se como objetivo identificar a presentificação do imaginário nessas narrativas.

Sabendo da inesgotável riqueza que é esse campo de estudo, também se buscou um aporte teórico relacionado ao mito como Joseph Campbell e Mircea Eliade, Frederico Kruger, por entender que o Mito e o Imaginário criam ligações e estão intrinsicamente relacionados à identidade cultural de uma sociedade. Para discutir a questão da identidade cultural a pesquisa tem como fundamentação os estudos de Stuart Hall com base na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, ao apresentar questões discursivas sobre a identidade cultural, fazendo uma relação da modernidade até a pós-modernidade do sujeito e sua identidade.

O primeiro tópico denominado ***O Imaginário***, aborda como se dá esse processo, fazendo um aporte a história e sua construção social, inserido no primeiro tópico do trabalho, pois a priori precisa-se entender a que se objetiva o estudo do mesmo. Para tanto fundamenta-se a pesquisa nas obras “O Imaginário” de Gilbert Durand, “O que é Imaginário” de François Laplantine e Liana Trindade. Com esses teóricos, a pesquisa busca fazer um apanhado geral da construção do Imaginário, com pesquisas também sobre o meio social Castoriadis (1986), fala do indivíduo em meio a sociedade, sujeito a modificações, e que está sempre em processo de construção. Em se tratando do imaginário é indispensável também estudos sobre o processo de cultura e identidade. Por isso esse tópico está fundamentado no pesquisador Stuart Hall com a obra *A identidade cultural na pós-modernidade*.

O segundo tópico denominado ***o Imaginário literário***, busca relacionar a temática desenvolvida no corpo literário. Primeiro procura-se entender como se dá o processo na literatura infanto-juvenil por meio das escritas de Lajolo e Zilberman no livro *Literatura infantil brasileira*. Com essas pesquisas procurar-se-á apresentar o processo da literatura infanto-juvenil e sua construção histórica e o surgimento no mercado editorial. A pesquisa neste tópico também está fundamentada na dissertação de mestrado da professora Delma Pacheco Sicsú intitulada, *O imaginário em narrativas da literatura infanto-juvenil amazonense* que apresenta pesquisas voltadas para a categorização do imaginário, sobre a recepção e estudos sobre a inter-relação do autor- leitor e texto literário.

O terceiro tópico desta pesquisa denominado ***O mito na literatura***, faz uma relação literária da mitologia em estudos comparativos com o processo do Imaginário, pois ambos são presentificados no meio social e são estudados pela história em processos construtivos, agregando os estudos dos mitos cosmogônicos e os mitos de origem. Esse tópico está fundamentado nas obras de Mircea Eliade *Mito e realidade* (1907,1986); Frederico Kruger no livro *Amazônia mito e literatura* (2003); Joseph Campbell com a obra *O poder do mito* (1904, 1987), e com as pesquisas de Eduardo Saberna voltadas para *Imaginário, Ideologia e Representação social* (2003).

Acredita-se que este trabalho servirá não apenas para obter informações sobre a literatura infanto-juvenil amazonense, mas também como fortalecimento deste campo de estudo voltado para o espaço amazônico, por ser rico em suas representações culturais e através das pesquisas escritas serem inseridas no processo literário.

I- REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O IMAGINÁRIO

Muito tem se discutido nos últimos tempos sobre o processo de construção da sociedade tanto questões políticas, culturais e sociais que, de certa forma, buscam meios que possam responder e dar significado a identidade de um grupo. Significados esses que possam esclarecer questões da vida e da memória histórica de uma sociedade, assim o que se pode perceber é que na busca de provar uma teoria, pesquisadores passam anos debruçando-se sobre pesquisas para provar uma ideia que muitas vezes está óbvia.

O processo cultural diz muito sobre a identidade do indivíduo, vemos nos dias atuais variações e pensamentos, muitas vezes preconceituosos a respeito do se aceitar com características do ambiente em que este indivíduo foi gerado, ou a que ele pertence. Stuart Hall discute essa questão de identidade cultural na obra *A identidade cultural na pós modernidade*, e fala a respeito da chamada crise existencial que muitas vezes são responsáveis por ações e atitudes do indivíduo ao negar sua cultura.

A Cultura pode ser entendida de forma simples ao se observar o espaço, através de obras de arte que remetam a características de uma sociedade, pelo teatro, pelas músicas, a maneira de um grupo se vestir de falar e de se reproduzir entre outras formas. Hall divide esse processo de identidade em três etapas, o sujeito sociólogo o qual é formado pelas ações que entram em contato com o outro, a maneira de convivência com o outro não o torna independente; o sujeito do iluminismo observa-se neste o individualismo presente, pois centra-se de capacidades e razões individualistas; por ultimo o sujeito pós moderno o qual segundo Hall, não possui uma identidade fixa, é aquele que absorve diversas formas de viver em sociedade, daí o autor vai falar da existência de uma possível *crise existencial*.

Falar do imaginário é entender sua construção é saber o porquê de sua existência e de onde partiu essa ideia. Durante décadas falar sobre ele seria uma ameaça ou uma afronta a pesquisadores que defendiam que tudo deve ter algo concreto como resposta. Sabe-se que por muito tempo o corpo religioso, principalmente do ocidente, defendeu o monoteísmo da bíblia e como o poder que exerciam na sociedade era tão dominante que, as práticas chamadas de iconoclastas predominavam no meio social. Por estudos feitos por Durand vemos que:

A proibição de qualquer imagem (*eidôlon*) como um substituto para o divino encontra-se impressa no segundo mandamento da lei de Moisés (*êxodo*, XX. 4-5). Outrossim, como podemos constatar no cristianismo (João, V.214; I. *Coríntios* VIII 1-13; *Atos*, XV. 29...) e no *Islamismo* (*corão*, III. 43; VII. 133 – 134; XX. 96 etc.) a

influencia do judaísmo das religiões monoteístas e que se originaram nele foi enorme. (DURAND, 2011, pg. 9).

Por meio das pesquisas e levantamentos de hipóteses observadas, pode-se perceber que o processo de presentificação do Imaginário está muito ligado à história e por meio desta observação é que, durante muito tempo, teóricos tentaram apagar ou de outra forma não reconhecer o Imaginário ou a criação interior do intelecto à concepção das imagens no contexto social. De modo geral, no meio literário, somente no século XX com os estudos de teóricos como Durand, Trindade e Laplantine é que essa visão do Imaginário tomou rumos reconhecidos na sociedade e por meio disto fica difícil separar o imaginário da sociedade e da história, seja no meio social ou político.

Gilbert Durand desenvolve dentro dessas visões a forma de entender, por meio das representações, a ideia de mundo, de si mesmo e como esse sistema acontece dentro da dinâmica social e é o pesquisador quem busca decifrar por meio de códigos e acontecimentos culturais tais representações como bem ele nos mostra:

As duas filosofias que desvalorizarão por completo o imaginário, o pensamento simbólico e o racional pela semelhança, isto é, a metáfora é o cientificismo (doutrina que só reconhece a verdade comprovada por métodos científicos) e o historicismo (doutrina que só reconhece as causas reais expressas de forma concreta por um evento histórico). (DURAND, 2011 pg. 14,15).

Como se percebe o cientificismo e o historicismo são duas vertentes que durante décadas dominaram o pensamento social descartando qualquer idéia que pudesse ser ligada ao imaginário, por isso muitas ideias foram caladas através da ciência dos fatos e dessa forma chegaram a criticar e taxar de loucos os poetas que levantavam questões e discutiam sobre a proposta da existência do Imaginário no meio social como representação.

Durand toma como base para tal explicação, o fato de como acontece as categorias do aparelho simbólico no cérebro humano, colocando-o como um grande responsável por desenvolver a ligação do símbolo com o verbo. A ação que nos remete o verbal está presente em todo ser humano e é onde acontece o processo do imaginário. Dentro dessas figuras simbólicas no inconsciente coletivo, no contexto verbal a que fala o autor o imaginário se torna nítido quando citado nos verbos obstruir, satisfizer, encher engolir, etc. Em seguida, imaginado, o cérebro humano já nos remete a alguma ação projetada por ele a esses verbos citados. Para Durand (2011), todas as informações geradas no inconsciente do homem são produzidas por um terceiro cérebro ou cérebro neumático como ele descreve. O pensamento gerado é classificado como indiretos, pois pertencem a uma *re-presentação*, o que para o processo do imaginário é tido como articulação simbólica.

O imaginário é composto por um conjunto de relações. Assim, além das representações geradas no inconsciente humano como descreve Laplatine e Trindade (1997), o imaginário pode ser entendido, como a forma de fazer acontecer determinada coisa, uma faculdade de relações entre o dar ou por um determinado significado a algo, pois percepção está inteiramente ligada a ele, pois o imaginário se encarrega de dar o significado que não foi gerado na primeira relação estabelecida a uma imagem ou a uma ideia de objeto.

Castoriadis (1986) fala dessa nova maneira de enxergar o ser, não como algo engrenado ou que não possa sofrer alteração, a mente humana recebe essa liberdade de se recriar de absorver novas concepções. O imaginário nasce a partir da pesquisa ontológica, do estudar a origem do ser colocando a posição humana em comparação a um rio, ou um magma em constantes movimentos que seguem sem que algo venha a influenciar em seu processo de transformação.

O imaginário tem um compromisso com o real. Por isso é importante entender o meio social a partir da ideia de Trindade e Laplatine quando diz que:

O imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. [...] A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real. (TRINDADE & LAPLATINE, 1997, p. 80).

Percebemos a partir daí que o imaginário está ligado intimamente com o meio literário e social quando através do conceito do que vem ser o real pode-se desenvolver uma nova concepção de espaço ou coisas. O real falado é, pois a origem. Por isso o imaginário permite que a imaginação exerça poder sobre qualquer ideia primária e esta visão também tem compromisso com o meio em que a imaginação foi inserida. Castoriadis (1987) ressalta ainda que se deva inverter o pensamento arcaico a respeito da significância do histórico social como identidade concreta, deve-se inverter os tipos de saberes que de certa forma reduzem o ser humano ao físico e ao biológico. O imaginário que, classificado antes como pensamento periférico passa com essa ideia para o centro da epistemologia que se encarrega de dar eixo ao estudo do conhecimento, afirmando a ideia de que se pode começar a pensar a partir do imaginário.

Em tratando de mitos, lendas e quando passadas para outras pessoas, surge o imaginário como forma de recriar uma ideia já existente ou até mesmo com o poder de criá-las como algo que ainda não foi idealizado como nos afirma Laplantine e Trindade (1997) O

imaginário, ao libertar-se do real, que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens.

O sonho também é uma simbologia quando se afirma que o inconsciente é responsável por essas representações do imaginário. Desde os primórdios da humanidade também se fala na simbologia dos sonhos. Na bíblia sagrada, por exemplo, encontramos em uma citação o poder que o sonho exercia na vida daquela população que seguiam Jesus Cristo, Números 12:6 *“Ele lhes disse: escutai as minhas palavras: se houver entre vós um profeta do Senhor eu me revelarei a ele em visões e lhe falarei em sonhos”*. (Bíblia Sagrada- CNBB).

É o acreditar em algo que ainda não aconteceu faz com que atitudes futuras possam tomar outros rumos, pois algo foi previsto no sonho, uma forma de premonição que pode gerar o medo ou confiança em algo que irá ser realizado. Laplatine e Trindade também relacionam esse processo do imaginário ao sonho quando diz que o homem passa maior parte do tempo dedicado ao sono nesse instante o inconsciente humano gera o sonho e nele são produzidas as maiores preciosidades que o imaginário usa para presentificar-se de forma real.

Falar do processo do imaginário é entender também o poder que a igreja tem sobre as sociedades, e o imaginário presente no meio religioso, as várias maneiras de entender e interpretar o contexto bíblico. Nitidamente, observa-se pelas variações de interpretação que as religiões inserem sobre a bíblia, cada grupo pode transformar por meio da interpretação os costumes e credences de uma sociedade:

No meio real do cosmo imaginário, os adeptos vivem, concebem e produzem através do culto as suas relações com os deuses e a interferência desses deuses em suas experiências cotidianas. No plano ideológico, os adeptos podem impor, através de uma elaboração secundária, determinados aspectos dessa divindade. Assim atribuem-lhes, de maneira seletiva, as qualidades que correspondam aos valores que interessam ao grupo social dominante e que devem ser transmitidos para os adeptos. (LAPLANTINI e TRINDADE, 1941, P. 38).

Percebemos que essas construções em relação às credences a uma divindade continuam a existir, e cada grupo social busca um sistema de regras e leis fornecidas pelo imaginário que possam determinar o comportamento dos indivíduos pertencentes a este meio. Tal ideia também explica por meio das tradições religiosas a existência de muitos deuses, que surgem pelas dominações de grupos socioculturais.

O processo ideológico como citado acima diz muito sobre um espaço social e pode ser determinante no comportamento do indivíduo, nas narrativas a ideologia é presente no discurso que cada história carrega em si, a ficcionalidade marcante no processo de construção

das narrativas é uma característica literária que prende o leitor ao maravilhoso como bem descreve a citação a seguir:

A obra literária é um evento lingüístico que projeta um mundo ficcional que inclui falantes, atores, acontecimentos e um público implícito (um público que toma forma através das decisões da obra sobre o que deve ser explicado e o que se supõe que o público saiba). (CULLER 1999, Pág. 37).

Dentre várias vertentes de estudos do imaginário por ligar-se exclusivamente à parte social, falando da culturalidade e identidade, o que se percebe são temas polemizados. Isso porque o imaginário é livre para manifestar-se e o indivíduo escolhe o ângulo melhor para analisar. A “fê” que se faz muito presente na sociedade sendo responsável por maior parte da simbologia pertencente às igrejas, é de modo geral um fator que assume um papel muito importante no mundo atualmente e que caracteriza a identidade de muitos povos.

As narrativas amazonenses são acompanhadas de muito misticismo e imaginário. Para cada povo há uma cultura diferente, trazendo para a religiosidade, as crenças populares e as diversas formas de ver como o mundo foi criado. Por exemplo, há culturas que acreditam na criação do mundo de outra forma que para a maioria das outras culturas, há contradição ao imaginário de culturas distintas que acreditam em um só Deus que criou todas as coisas como encontramos no livro de Genesis *“Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. Deus viu que a luz era boa. “E Deus separou a luz das trevas: à luz Deus chamou de “dia”, e as trevas chamou “noite”, teve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia.”*. (BÍBLIA SAGRADA- CNBB, Gênesis1, 3-5).

Temos em destaque a construção de uma sociedade, que é lembrada e vivida através do imaginário de um povo e repassada assim a outra cultura, mas não deixando de ser reverenciada como parte da história que compõem a riqueza desse povo.

Ainda em ligação ao meio religioso pode-se afirmar segundo Durand que o imaginário vem caminhando com a sociedade. Percebemos isso não somente de maneira exclusiva na Amazônia, mas de modo geral em toda história da humanidade. Exemplo disso está na bíblia que traz vários elementos que identificam a criação de um povo como os seguidores de Jesus Cristo, elementos característicos e simbólicos como a cruz, as imagens, as esculturas e todos os fenômenos que marcaram a humanidade ao longo da história. Para Durant a Bíblia é sem dúvida onde se pode encontrar um dos mais antigos livros de estudos sobre imaginário e memória como vemos a seguir.

há em todas as religiões, mesmo nas mais arcaicas, há uma organização de uma rede de imagens simbólicas coligadas em mitos e ritos que revelam uma trans-histórica

por trás de todas as manifestações da religiosidade na história (DURAND – o imaginário 2011 p. 77).

Vale ressaltar nesta pesquisa que o imaginário não vem ser algo inexistente e sim característico de uma sociedade e sua cultura e nela estão incluídas questões políticas sociais, históricas e a formação de uma sociedade são ideias que vão muito além de uma simples leitura da história e uma análise relevante quando vista por outros olhos: os olhos da literatura, pois quando um escritor fala de um determinado ser que vive na Amazônia, ele não está apenas citando, mas querendo mostrar todo seu desenvolvimento, desde a criação do mesmo, em sua cosmogonia, para que finalidade ele existe e porque ele faz parte do imaginário da população que de tal forma teve sua importância para não ser esquecido. E essas histórias são muito bem representadas por autores da própria região como Wilson Nogueira, Zémara Pinto, Yaguré Yamã, Thiago de Melo entre outros.

Dentro de todo contexto das obras que narram essas histórias, mitos e lendas de índios e outros povos que habitam o universo amazônico, pode-se destacar, sobretudo, os costumes da sociedade em questão, onde a cor da pele não é mais exclusivamente a cor marrom, onde o cabelo não é exclusivamente o preto cortado em forma de cuia para os meninos e os cabelos totalmente lisos como característica das meninas. Essas características que estarão presentes nas obras literárias, dão ênfase na história dos povos da Amazônia como forma de não ficar somente como uma literatura oral, mas também juntar ao imaginário literário presente nas obras.

1.2 O IMAGINÁRIO LITERÁRIO

O texto literário busca em sua construção recursos característicos que relacionam-se a um espaço em que o mesmo é desenvolvido ou de que se pretende falar, de modo que o escritor busque métodos significativos que possam interagir junto ao leitor que pretende atingir. Para tanto, as palavras são lançadas de diferentes formas, em um jogo de contextos, sejam eles históricos ou atuais.

O imaginário é um termo universal discutido em diferentes visões e maneiras e pode ser expresso em diversos meios na literatura. A Amazônia, por ser rica em simbologias, pelo fantástico presente na literatura, busca o meio fabuloso presente na história fascinante que guarda este universo, cada lugar no espaço amazônico guarda uma riqueza cultural, essa que pode ser reescrita pela literatura.

Lajolo e Zilberman no livro *Literatura infantil brasileira* diz que a literatura infantil surge no mercado em meados do sec. XVIII, e antes disso encontrava-se apenas alguns indícios de escritas voltadas para crianças no sec. XVII, onde encontramos as fábulas como principais características literárias. Por meio dessa ideia, agregamos assim o entendimento voltado para as literaturas amazonenses onde na maioria delas são inseridas personagens com falas presentificadas em animais com teor reflexivo.

No período é onde surgem as primeiras obras escritas destinadas ao público infantil percebemos então a relações do imaginário na sociedade e principalmente na literatura:

Esta por assim dizer, prontidão a maturidade da sociedade brasileira para a absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente para uma ou outra faixa de consumidores expressa-se exemplarmente no surgimento, em 1905, da revista infantil *O tico-tico*. O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas – tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural. (LAJOLO e ZILBERMAN P. 25).

Nesse processo que acompanha datas históricas, percebe-se um estreito caminho no que os escritores entendem por literatura voltada para o público infanto-juvenil e a presentificação do imaginário existente no meio social, busca-se então dessa forma entender de que maneira este imaginário se compõe na literatura.

Quando se fala em literatura no imaginário amazônico entendemos pela premissa de que o contexto social é representado através dos textos que Trindade e Laplatine entendem ser um processo cognitivo em que o homem é capaz de traduzir e modificar e descrever a realidade a qual ele pertence. A realidade descrita por ele está relacionada à natureza ou a interpretação que o homem estabelece a este meio. As narrativas que descrevem este cenário não teriam sentido literário se o imaginário do leitor não se submetesse ao seu imaginário, pois ao focar na imaginação, o leitor automaticamente dará espaço para que o subconsciente entenda que tal literatura descreve a construção deste espaço cultural, descreve a história memorialística dos povos que vivem na Amazônia. Podemos ver isso nitidamente em narrativas de autores amazonenses na atualidade.

Sicsú (2013), em pesquisas sobre as categorias do imaginário, tomando os estudos de Iser, ao dizer que no jogo da recepção do texto há uma inter-relação autor-texto, concebida como uma dinâmica que conduz a um resultado final. O resultado final diz respeito ao processo de criação de cada leitor ao ler e interpretar o texto. A literatura, pelo seu caráter polissêmico permite, pois ao leitor essa inter-relação possibilitando-o assim a ser também co-autor do texto.

Zémária Pinto escritor amazonense procura descrever o espaço amazônico por meio de personagens. Ele usa a figura de animais mesclando com personagens humanos. O imaginário segundo Durand (2010) deve firmar no fim das credices do eurocentrismo entre as culturas, pois cada cultura tem suas representações. Na obra de Zemaria Pinto *O Beija flor e o gavião*, vemos um espaço dividido por seres irracionais tornando o pensamento totalmente racional. São animais que por meio do imaginário ganham falas e são responsáveis pela mensagem que a narrativa quer passar ao leitor.

Laplatine e Trindade (1997), falam do processo maravilhoso como uma vertente do imaginário e entendem que por ser uma parte noturna da existência, coloca o leitor e o texto como personagens em um universo do real. A face noturna é onde um universo real é projetado através do sonho. Encontra-se esse maravilhoso presente em fábulas, contos, narrativas que buscam levar o leitor a um universo diferente onde por momentos, mesmo que sejam só os da leitura, eles possam entender estar em outra realidade, como descreve Durand, no universo imaginário onde tudo é possível. Ainda Laplatine e Trindade afirmam: “*Estamos frente a narrativas homogêneas, histórias que aqueles que detestam o maravilhoso qualificam em geral de sobrenaturais ou absurdas, mas formadas por uma continuidade de significações e tendo sua própria coerência*”. (pag. 31).

Uma das formas de contextualizar a literatura é o momento no qual ela é escrita e com que finalidade o autor pretende escrevê-la. O imaginário presente em narrativas pretende relacionar o espaço, momento e características pessoais sejam do autor como também leitor, tornar a leitura prazerosa.

As narrativas amazonenses são compostas por uma identidade cultural que retratam o cotidiano da população. Marcio Souza no livro *A expressão Amazonense* descreve este fator da seguinte forma:

Na realidade, a Amazônia foi reinventada pelo Brasil, que propôs para ela a sua própria imagem. Os moradores da Amazônia sempre se espantam ao ver que, talvez para melhor vendê-la e explorá-la, ainda apresentam sua região como habitada essencialmente por tribos indígenas, enquanto existem há muito tempo cidades, uma verdadeira vida urbana, uma população erudita que teceu laços estreitos com a Europa desde o século XIX. (Souza, 2010 p. 13).

Sabe-se que a oralidade através dos contos transmitidos pelos mais antigos é muito presente neste espaço, mas que as mudanças com o progresso vão trazendo a este ambiente uma nova ideia e paisagem de mundo e para que isso não apague de certa forma o bem precioso da população que é sua identidade, é preciso recriar, reinventar por meio do imaginário todo esse espaço rico por meio dos contos, das lendas e do mito que rege a Amazônia.

Nos contos, ou na maioria das vezes fábulas é comum a presença de animais. Durand classifica por sinal os animais como os representantes na separação dos regimes. Normalmente os animais são seres usados pela literatura para determinar a credence em algo, alguns são pertencentes ao regime diurno e são classificados como teriomórficos, pois podem distribuir valores negativos e positivos dependendo de que visão o grupo social pretende classificá-los. Normalmente são os animais que convivem em contato mais próximo com os seres humanos como os répteis, ratos, pássaros noturnos. Por outro lado há os animais vistos de forma positiva como a pomba, o cordeiro entre outros.

Sicsú (2013) descreve os regimes apresentados por Durand em sua dissertação de mestrado e aponta o sapo com um dos seres descrito por Durand e pertencente à classe dos símbolos nictomórficos, amante da escuridão e da umidade, cuja carga semântica varia entre valor positivo e negativo, conforme sua função e sua interpretação. Da mesma forma que esse animal é utilizado em rituais de bruxaria, ele também tem uma conotação sexual e amorosa, presente em muitas histórias infantis. Ainda Sicsú (2011, pag. 23), cita uma narrativa como ilustração *O Romance dos Sapos* da coleção de Elson Farias *Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica* (2001), quando o sapo vivencia um idílio amoroso de três dias, permeado de sedução e amor. O que podemos observar que dependendo da visão a que é atribuída aos animais pertencentes a uma classificação podemos agrupá-los aos regimes diurnos e noturnos das imagens.

Turchi (2003), em estudos sobre a Antropologia do Imaginário descreve que a natureza e a cultura se entrelaçam inextricavelmente sobre a essência do gênero literário, de tal forma que o próprio estudo do homem e de sua cultura ainda deixa a questão em aberto na onda de nomenclaturas, embora se tenha chegado, através do tempo, a um consenso mais ou menos generalizado de “um sentimento propriamente lírico, épico e dramático”.

O imaginário usa no processo literário a imagem como uma de suas simbologias para se presentificar na literatura.

Segundo Laplatine e Trindade (1997), o indivíduo é responsável pela produção de imagens que são envolvidas pelo pensamento. As imagens são construídas por base nas informações obtidas pela experiência visuais tidas anteriormente, ou seja, o que Durand já vinha afirmar em suas pesquisas. O cérebro é responsável pelas primeiras informações obtidas quando assim guardadas as primeiras imagens por meio da visão, em seguida o indivíduo é capaz de criar suas próprias imagens por meio das informações recebidas anteriormente. Sobre Turchi vem dizer que:

Na outra vertente, a científica, a imagem transformada em símbolo se concretiza na manifestação da psique humana, do eu profundo não mais objeto poético, mas objeto da psicanálise é por este caminho que Sigmund Freud penetra no imaginário patológico e levanta hipóteses corajosas dos quais a humanidade acaba por se beneficiar. Além da psicanálise, que investiga as profundezas da alma, deve-se à vertente científica do imaginário a criação da etnologia. (TURCHI 2003, pág. 20).

Turchi abre duas atividades como vertentes no estudo do imaginário uma que se refere à científica que tem como objeto a imagem transformada em símbolo gerado na psique humana como descrito acima. Em seguida à literária, aonde o símbolo e o mito vêm em seguida com fundamental importância na concepção de que o infinito só tem relação com o finito através da presentificação do imaginário.

Na obra *Literatura e antropologia do imaginário* (2003) de Maria Zaira Turchi, a autora estuda o imaginário presente na literatura, pois acredita que dessa forma ele dialoga com outras áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar. Ela também os classifica como uma ciência subjetiva que é concretizada conforme o período histórico que é inserida e que cultura se pretende mostrar.

Para tanto, o mito surge na literatura infantil amazonense como um dos caminhos de mostrar o espaço amazônico junto ao imaginário. O *Mito*, que não se iguala, mas que também faz parte da significação presente na literatura que aqui entendemos como amazonense.

Kruger (2003) entende o mito como um produto pertencente à estrutura social que usa em suas funções a etiológica como forma de explicar a causa ou a origem de algo e também como fundamental a ideológica encarregada de explicar a razão social da comunidade. Tal fenômeno descrito é presente na maioria das narrativas existentes, principalmente pelos mitos.

1.3 O MITO NA LITERATURA

Como continuidade dos estudos sobre Durand, agora aportamos para o mito. Na obra *O Imaginário*, ele faz uma colocação a respeito da lógica do mito presente na sociedade historicamente falando e trazendo para o imaginário. Pode-se a priori confundir os olhares para o que seria o mito e o que seria o imaginário, ou se os dois seriam a mesma coisa. No entanto percebemos uma diferença até mesmo no período em que falar sobre o imaginário na sociedade seria uma afronta para a ciência. Podemos então entender tal ideia pelo fato de que o mito sempre esteve presente na sociedade responsável por responder e questionar a origem de coisas ou da própria existência humana e o imaginário como já vimos caminha junto ao pensamento histórico cultural e social a partir do século XIX.

Carlos Eduardo Saberna, no artigo sobre *Imaginário, Ideologia e Representação social*, diz que o mito também existe na sociedade ao fazer parte da natureza humana. Para ele existem duas oposições no qual os mitos procuram responder: a cultura e a natureza humana. Os mitos nesse sentido se organizam por meio dos símbolos e conceitos temáticos, tais características são traduzidas em cada espaço por meio de uma interpretação adequada que o indivíduo estabelece a ele. Para Saberna (2003), a estrutura básica que constitui o mito pode ser considerada como um modelo de funcionamento do imaginário.

Para Mircea Eliade o mito é abordado como um mecanismo pertencente às novas ciências do homem. Ele é responsável por responder questionamentos em relação à existência de determinada sociedade ou indivíduo, mas por outro lado exerce um papel importante em relação ao processo literário, linguagem de uma sociedade e as diferentes formas de comunicação entre culturas. Para tanto vemos nesta obra que Eliade faz um enumerado de colocações sobre a representação do mito na sociedade e suas funções:

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui as histórias dos atos dos entes sobrenaturais; 2) que essa história é considerada absolutamente *verdadeira* (porque se refere a realidades); 3) que o mito se refere sempre a uma “criação”, contando como algo veio a existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito conhece-se a “origem” das coisas, chegando-se conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento que é “vivido” ritualmente, seja narrado cerimonialmente o mito, seja efetuado o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, “vive-se” o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. (ELIADE, 1907-1986. Pág. 21-22).

Pode-se perceber uma constante presença do mito no meio social. Eliade desenvolve essas funções, ao dizer que compreender o mito é viver a religiosidade, ele está afirmando o pensamento de uma crença estabelecida historicamente; algo que não pode ser provado pelo concreto, mas que continua presente respondendo significados do meio social como da própria existência.

Frederico Kruger no livro *Amazônia mito e literatura (2003)* classifica o mito em categorias, quando usa um conjunto de mitos para descrever a ideologia dos povos Dessanas habitantes do alto rio Negro, Kruger cita o livro “Antes o mundo não existia” dos autores indígenas Umusi Pãrökumu e Torãm Kehíri, o mito pertencente a esses povos são baseados pelos acontecimentos relatados no seu meio social como comunidade indígena – *“inicialmente, apresenta-se o mito cosmogônico, que é por excelência a criação do universo; depois, os mitos de origem, em que se incluem os heróis civilizadores e dos quais deriva a*

organização social da tribo; por ultimo, os mitos de fim de mundo” – a obra apresentada é composta por narrativas como descreve Kruger e todas expressam a trajetória do povo Dessana em sua existência na terra.

A literatura infanto juvenil amazonense lança mão da questão moralista dentro deste espaço amazônico, fortalecendo os registros históricos culturais como a utilização dos mitos e das lendas, questões que fortalecem a memória histórica da sociedade aqui pertencente. Como podemos ver abaixo:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. Mas onde o mito é também um fenômeno de difícil definição (ROCHA, 2008 p.7).

Usa-se o mito desde muito tempo, pois acredita-se que, muito antes de ter uma ideia social do imaginário presente nas narrativas, os antepassados utilizavam o mito para explicar a teoria do existencial, as histórias dos deuses, semideuses e heróis da época. As histórias com esses elementos eram transmitidas de geração a geração para que se fortalecesse essa crença na sociedade, mas como todo processo quando relacionado ao pensamento social, o mito também pode ser visto de muitas formas tanto como ponto positivo e ponto negativo. Segundo Rocha – [...] *a origem do universo, a origem da terra, a origem da vida, a origem do homem, a origem das línguas. A temática das origens das coisas sempre foi uma preocupação de muita gente. (2008, p. 11).*

Por outro lado o mito nem sempre foi aceito na sociedade assim como o processo de construção do imaginário. Turchi (2003) descreve esse processo com base nas pesquisas de Detienne (1952), onde o mito na época de Platão era recebido como um absurdo á sociedade uma mentira por se relacionar as narrativas, que na época eram tidas como uma fantasia o que fugia das verdades da sociedade por também se relacionar aos deuses, uma imagem desprezível de uma ideia pré-recebida.

Platão repudia esses mitos que atribuíam aos deuses absurdos e obscenidades, que nada serviam para a religião e menos ainda para a moral, condenando-os, com indisfarçável exagero, sem se preocupar em interpretá-los e descobrir o valor que os mitos primordiais poderiam esconder no seu âmago. (TURCHI. 2003 p. 14).

Platão reunia em suas pesquisas as comparações entre o saber filosófico e o pensamento mitológico, entendidos como recordações da alma de certos fundamentos que por um lado valorizavam o mito e por outro sem interpretação desclassificava os demais. A partir

dessa ideia de ver o mito por Platão é que surgem novas visões referentes a ele, em pesquisas que fundamentas outros pesquisadores.

Joseph Campbell em sua obra *O poder do mito* descreve um período em que o mito exerce um significado na sociedade por meio da modernidade fazendo alusão ao momento histórico cultural de determinado lugar:

[...] os automóveis adentram a mitologia. Adentraram os sonhos. Em as aeronaves estão muito a serviço da imaginação. O vôo da aeronave, por exemplo, atua na imaginação como libertação da terra. E a mesma coisa que os pássaros simbolizam de certo modo. O pássaro é o símbolo da libertação do espírito em relação ao seu aprisionamento à terra, assim como a serpente simboliza o aprisionamento a terra. A aeronave desempenha esse papel hoje. (CAMPBELL, 1904-1987. P. 19).

Campbell apresenta uma maneira de ver o mito presente na sociedade, os símbolos presentes no meio social caracterizam a ideia mitológica, os instrumentos presentes na atualidade com nos filmes, nas novelas e principalmente na literatura, que representa uma cultura e são instrumentos inspirados na história, naquilo que se luta para preservar em cada espaço. Campbell diz que os motivos básicos do mito são os mesmos desde sempre: o segredo para descobrir a mitologia e saber o espaço a que pertence o indivíduo.

O mito segundo Turchi (2003) assume em sua teoria um sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos, de esquemas e através dos mesmos tende a compor-se em narrativas. Essa definição vai ao encontro de Durand (2011), quando diz que o mito é um esforço de racionalização, que utiliza para sua condução o sentido primário do discurso no qual os símbolos descritos se resolvem em palavras e por outro lado os arquétipos em ideias.

O mito mostra na literatura formas de como pode se presentificar na sociedade, sua função cultural. Segundo Eliade (2010), nas narrativas da literatura infanto-juvenil indígena o mito coloca-se como um fenômeno predecessor de uma acepção usual - fábula, invenção e ficção onde as sociedades passadas tinham determinada maneira. Por isso o mito ganha valor verdadeiro como história em uma localidade.

O mito junto à literatura busca desenvolver-se por meio do fascinante, características sociais descrevem o espaço de forma precisa. Por isso a figura mítica manifesta-se no espaço trazendo consigo características da coletividade a que ele pertence, de forma a diferenciar-se das demais sociedades, de um espaço, de uma cultura e de identidades, como vemos na citação a seguir:

A mitificação ocorre na consciência comum, e a literatura a registra. Por vezes, é a literatura que toma essa iniciativa e produz os mitos. O mundo, mediado pela palavra escrita passa a ser o das representações que visam ao público leitor. A narrativa passa a ter um fundo histórico que objetiva valores hierárquicos pertencentes a um contexto social e político instituído. (PINTO 2012 pág. 175).

As narrativas amazonenses carregam inúmeras simbologias, características comuns dos povos da Amazônia. Essas simbologias caracterizadas pelo mito objetivam-se em gerar a compreensão do universo e sua própria situação limitadamente em seu contexto social.

A consciência comum citada acima refere-se a uma sabedoria empírica presente na memória cultural dos povos da Amazônia, muitas vezes ligada a uma crença religiosa.

Voltando os estudos para Eliade, vemos esse processo mitológico na sociedade da seguinte forma: o homem é o que é hoje em meio à sociedade graças a um enumerado de acontecimentos que deram origem a ele. Os mitos respondem portanto a esses eventos, ao buscare entendê-lo. Percebe-se como e porque ele se constitui em determinadas formas. Esse processo na maioria das vezes acontece por meio do divino e as figuras representativas são, segundo Eliade (2012), entes sobrenaturais e ancestrais míticos.

Quando destinada a explicar a existência humana ou a origem das coisas por meio de uma história mítica, procura-se entender e compreender a sociedade através de duas estruturas que se divide segundo Eliade (2012), em mitos de origem e mitos cosmogônicos. Aparentemente seria a mesma coisa, pois ambos destinam-se em esclarecer a existência de algo ou tentar justificar o porquê do mesmo. A cosmogonia é o modelo ideal para explicar toda espécie de “criação” diferenciando-se do mito de origem, pois o mesmo tenta justificar uma situação nova, coisas que não existiam desde a origem do mundo, novos aparecimentos ou ideias que surgem no decorrer do tempo, mas o maior objetivo do mito de origem é prolongar e completar os mitos cosmogônicos.

II- METODOLOGIA

O presente trabalho tende buscar respostas para uma problemática encontrada na natureza da pesquisa. Para tanto a ideia da metodologia tende desenvolver métodos eficientes que possam ajudar o pesquisador a atingir metas estabelecidas para a solução do problema, proporcionando-lhe um caminho a seguir no decorrer da pesquisa, por meio de procedimentos que o ajudarão no desenvolvimento da escolha teórica para melhor desenvolver a pesquisa. Minayo (2007) enumera conceitos equivalentes sobre método, a) como a discussão epistemológica sobre “o caminho do pensamento” que o tema ou o objeto da investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e

específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de respostas às indagações específicas.

A metodologia existe com o objetivo de criar caminhos que direcionem o pesquisador no trajeto da pesquisa. Trujillo Ferrari (1974) diz que o método científico é um traço característico da ciência, constituindo-se em instrumento básico. Inicialmente têm-se pensamento depois se traça os procedimentos do cientista ao longo do caminho até atingir o objetivo científico pré-estabelecido.

Segundo Severino (1941), o método como caminho científico é uma ciência que sempre caminha em função de uma malha teórica com dados empíricos, fazendo uma articulação do lógico e o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real.

O trabalho focar-se em analisar a presentificação do imaginário em narrativas da literatura infanto-juvenil amazonense, por meio da coleta bibliográfica de autores da região que já desenvolvem a pesquisa voltada para este meio específico. Por serem poucas as pesquisas nestes fins, este trabalho também poderá contribuir com outras pesquisas sobre o imaginário. Entende-se que a importância de estudar a culturalidade presente nas narrativas elencadas para esta pesquisa poderá desenvolver estudos voltados para a relação social do autor e narrativa, pois o imaginário em sociedade é um conjunto de simbologia que envolve o acreditar de cada indivíduo para a construção de um ideal. Hall (2006), diz que a marca das sociedades ao longo do tempo é caracterizada por transformações, que questionaram os sujeitos em suas culturas. Stuart Hall mostra uma nova maneira de ver o indivíduo na sociedade, ao dizer que não temos uma “identidade limitada”, mas somos vistos pelo termo identificação, que sujeita a mudanças e transformações no espaço em que estejamos.

A pesquisa tem como método de procedimento monográfico e Como processo de seleção o trabalho foca-se em narrativas amazonenses de escritores amazonenses e indígenas, na indígena a fim de verificar também nativa influência ou não na concretização da literatura amazonense.

Sobre o conhecimento científico ou não, Prodanow e Freitas (2013) vêm dizer que, não deixa de ser conhecimento aquele que foi passado de geração a geração. Entendemos assim a projeção do imaginário quando focado para representar a culturalidade de uma sociedade que é descrita pelos antepassados de geração a geração através da educação informal ou baseada na imitação ou na experiência pessoal, também por meio de suposições. Esse tipo de conhecimento denominado popular vem diferenciar-se do conhecimento científico por lhe faltar embasamento teórico necessário exigido pela ciência. O conhecimento nem sempre consegue ir tão longe em busca das causas para poder dominar os efeitos, mas

assume isso com o procedimento metodológico sistemático. A pesquisa em questão tende sistematizar-se a essa padronização da busca do conhecimento científico, pois busca consistência por meio de bases no conhecimento existente e na busca de embasamentos teóricos.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois têm como objetivo detalhar como o imaginário presentifica-se em narrativas da literatura infanto juvenil amazonense. Para este método de abordagem vemos que uma das principais características de um pesquisador é a autonomia ao se lançar a uma abordagem qualitativa, como descrita abaixo:

Trabalho autônomo quer dizer que ele é fruto de um esforço do próprio pesquisador. Autonomia esta que não significa desconhecimento ou desprezo da contribuição alheia, mas, ao contrario, capacidade de um inter-relacionamento enriquecedor, portanto dialético, com outros pesquisadores, com os resultados de outras pesquisas, e até mesmo com os fatos. [...] é preciso ter até mesmo um pouco de *audácia*, ou seja, arriscar-se a avançar ideias novas, eventualmente nascidas de suas intuições pessoais, sem que se autocensure por medo das críticas. [...] é preciso soltar-se, criar, avançar e não ficar apenas num eterno repetir de ideias e descobertas já feitas. (SEVERINO 1941. Pág. 215-216).

Neste contexto o pesquisador parte do conhecimento empírico tornando-se muitas vezes o próprio sujeito da pesquisa quando sua realidade social se torna presente no espaço de abordagem, buscando informações como formas de explicar e caracterizar resultados sobre o imaginário presente em narrativas elencadas para este estudo.

A pesquisa tem como Método de procedimento análise das narrativas e análise de conteúdo e fundamentos teóricos que apoiam o presente trabalho. As narrativas em questão, dizem muito sobre a sociedade, os povos que vivem na Amazônia, buscam um processo memorialístico por parte dos escritores e ao leitor informações histórico cultural sobre o espaço em que ele próprio vive, contudo denomina-se este trabalho de pesquisa monográfica, o qual segundo Severino (1941) caracteriza pela delimitação e a unicidade presente na pesquisa, procura-se a delimitação profunda do tema e de sua abordagem em um único assunto para que o trabalho ofereça clareza.

Como sujeito de pesquisa utiliza-se cinco narrativas da Literatura Infanto-juvenil Amazonense para verificar como se dá a presentificação do imaginário e como o mesmo se apresenta nessas narrativas. Por se referir a análise de obras literárias esta pesquisa é bibliográfica. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos, como livros, artigos científicos, entre outros.

Qualquer trabalho científico inicia-se com pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto. GIL (1946), diz que todo trabalho desenvolvido em algum momento necessita de uma pesquisa bibliográfica, que são trabalhos já publicados, podendo ser classificados em materiais impressos como: livros, jornais, revistas e anais de eventos científicos. Além desses, outros meios surgem para se desenvolver este método; são mecanismos usados na medida em que os anos vão passando e surgem novas invenções, métodos novos como os discos, fitas magnéticas, CDs e na atualidade o mais usado, pois oferece maior facilidade de acesso são as fontes disponibilizadas pela internet. A pesquisa bibliográfica possui um dado importante e prático dentro da pesquisa, principalmente quando nos propomos a estudar a história e a influência na atualidade presente nas narrativas como nos mostra a citação abaixo:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda *per capita*; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. (GIL 1946, Pág. 30).

Como este trabalho trata sobre parte história da sociedade como a principal função da existência do meio social, em memória criado pela presentificação do imaginário nas narrativas, seria indispensável à pesquisa bibliográfica. Para Gil (1946), ela é indispensável nos estudos históricos e em muitos casos não há outra forma de conhecer os acontecimentos passados se não for por base em dados bibliográficos.

A pesquisa toma como método de abordagem o fenomenológico. Segundo Severino (1941), a fenomenologia na concepção de Husserl, vai abordar a primeira experiência do conhecimento, o que ele chama de intuição originária em que o sujeito e o objeto são partes pertencentes a um pólo de estudo, são os principais fatores pelos quais as pesquisas terão continuidade. Essa concepção vai ao encontro da seguinte afirmação:

A fenomenologia busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito formulada com base em suas experiências. Seu objeto é, portanto, o próprio fenômeno tal como se apresenta à consciência, ou seja, o que aparece, e não o que se pensa ou se afirma a seu respeito. Tudo, pois, tem que ser estudado tal como é para o sujeito, sem interferência de qualquer regra de observação. Para a fenomenologia, um objeto pode ser uma coisa concreta, mas também uma sensação, uma recordação, não importando se este constitui uma realidade ou uma aparência. (GIL, 1946, pág. 39).

A fenomenologia une nesta pesquisa a perspectiva da consciência ao analisar a parte histórica. Por meio do imaginário busca significados com base na parte social do espaço em

que ela é inserida. Como as narrativas abordam questões históricas seja ela oral ou escrita, por meio da simbologia, entende-se ser uma abordagem da vida cotidiana, relatos descritivos da vida social, livres de conceitos e definições.

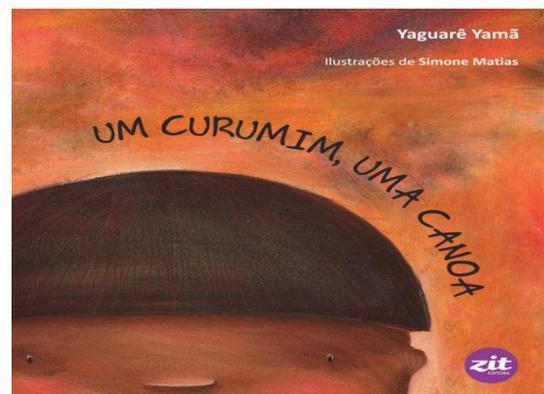
Gil (1946) diz que a fenomenologia se propõe a descrever sobre experiência vivida estimulada pela consciência, como característica do conhecimento empírico trata-se de um fenômeno que busca descrever e interpretar os fenômenos por meio da percepção. O Modo pensar a realidade no qual a consciência observa através da percepção e gera um significado a algo, a realidade existe com base no que o indivíduo vê. Estabelecer significado as coisas em variados pontos de vista, cada um pode estabelecer este significado, é o que constrói a relação de um indivíduo com o outro.

III- ANÁLISE DE DADOS

3.1 *Um curumim, Uma canoa.*

Nesta narrativa o autor mostra o cotidiano dos ribeirinhos que se arriscam pelas matas e rios da Amazônia em busca do alimento, da caça e da pesca. A narrativa conta a história de uma criança, um *curumim* como se fala na língua dos povos da Amazônia. Viajante pelos rios da Amazônia é mostrado o caboclo desde sua infância. O imaginário aí é presentificado na criança que viaja em uma canoa e apresenta o espaço onde ele vive.

Ao deparar com a narrativa percebemos uma indiscutível relação entre autor, capa e contexto social. O ilustrador da narrativa busca causar um impacto ao leitor interligando o corte do cabelo em forma de cuia da cabeça do *curumim* assemelhado ao formato das malocas. As cores são importantes descrições dentro da narrativa. A cor marrom, por exemplo, é representativa no espaço



indígena, pois se encontra em diversas figuras que fazem parte do cenário amazônico. Pode-se observar a presentificação da cor marrom também na cor da pele da criança que assim representa a característica da maior parte das pessoas pertencentes à região do Amazonas.

Há elementos importantes que caracterizam a identidade cultural e os costumes da região. A rede é um desses elementos importante neste espaço e o *curumim* em um momento da narrativa estava em uma rede a se embalar. E como na região amazônica o movimento de embarcações quase sem sessar seja à noite ou de dia é quase impossível os que viajam por

essas águas não se admirarem ao avistar em viagens pelos rios, ribeirinhos a se embalar em suas redes nas tardes de descanso. A rede tem, pois uma representatividade quando relacionada à fadiga de um dia de trabalho.

Durante a viagem do menino, há uma mistura de duas culturas; o espaço de onde saiu e a cidade. Pelas imagens presentes na narrativa é explícita a expressão do menino ao demonstrar espanto, o poder mágico da descoberta, que se percebe pelos olhos da criança como se estivesse em um momento de descoberta de um novo mundo.

A narrativa mostra as moradias antigas que atualmente é raro encontrar nas poucas culturas que ainda prezam por esses costumes. Essas moradias demonstram às características culturais daquele povo, e são denominadas de “malocas” feitas de palhas e materiais brutos da natureza. No novo espaço que a criança descobre são substituídos pela matéria recriada pelo homem, os concretos que tomam o lugar das árvores e aterros tomam lugar de grandes lagos. Uma nova ideia de espaço é descoberta por aquela criança. A essência da criança mostra sua cultura, sua raiz sem deixar de apresentar na narrativa o imaginário tradicional que é passado a ele de geração em geração. Criaturas amazônicas são descritas pela criança ao citar a Cobra Grande e sua bravura e o Boto Tucuxi com suas encantarias.

Uma das características que fazem parte da ideologia cabocla é a de preservar o espaço em que se vive, pois todos os dias uma luta é feita a favor da Amazônia. Aos olhos do imaginário representado pelo *curumim* os ribeirinhos vêem este lugar como algo sagrado, pois dele se faz uso, e se tira o sustento. Nesta narrativa o autor procura juntar duas identidades culturais, os povos da cidade e os ribeirinhos, frisando a importância de respeitar o espaço de cada um.

Os seres encantados nesta narrativa também possuem uma identidade. Assim através do imaginário entendemos a presentificação de simbologias como da cobra grande quando em determinado momento o autor descreve:

*“Para onde é a viagem mesmo:
-Ah, sim, para o Reino da Cobra-grande. “Num distante rio, onde as
serpentes falam.”(YAMÁ, 2012 p.10)*

Nesta citação nota-se uma estreita relação entre dois espaços presentes na narrativa, quando o autor se refere aos povos da cidade, a identidade subtendida de pessoas que lutam uma com as outras, há uma questão política. A cobra-grande na natureza possui um instinto de traidora que prepara suas presas, um ser que causa terror aos ribeirinhos, alaga canoas, destrói barrancos e vive sempre a espera de presas para devorar. A cobra neste momento não é mais

um réptil e sim a personificação de pessoas que querem de qualquer maneira marcar o seu lugar no espaço, muitas vezes prejudicando sem medidas o outro.

A narrativa toma o que Iser (2013) chama de pluralidade de sentidos. Para Iser é possível essa pluralidade porque além de dar espaço ao lúdico por meio de diversos significados e significantes, ocorre um jogo de oscilação entre o imitar e o simbolizar. Neste momento a narrativa mostra uma sociedade que se diferencia do lugar onde o *curumim* pertence. As imagens presentes na narrativa mostram uma sociedade onde se apresentam a modernidade, através das casas, prédios dando um novo formato, conseqüentemente deduz-se um espaço diferente em costumes e as ideologias que o *curumim* não conhecia.

A narrativa exerce uma função importante como literatura, uma vez que nela se apresenta lendas. O autor deixa registrado nessas narrativas como um processo memorialístico por meio do imaginário, como construção da identidade viva da cultura a ser repassada de geração a geração por meio da literatura.

Para Sicsú (2013), a literatura amazônica é rica em elementos simbólicos cujos significados só se apreendem a partir da realidade desse espaço. Se em outras culturas a presença de gigantes se ilustra na figura de monstros, baleias, dragões, na Amazônia esses gigantismo são ilustrados pela presença da floresta, do rio e da temida Cobra Grande.

A cobra grande é uma figura folclórica presente em muitas culturas, e cada uma procura descrevê-la com características diferentes.

Pinto (2012) fala do *corpus* mítico da cobra grande encantada e diz que os mitos relacionados a ela servem de exemplo para que os homens possam entender e aprender a conviver com a ideologia de todos os seres vivos, pois os mitos de todas as culturas se comunicam, em um diálogo transversal entre espaço e tempo.

Podemos perceber que a cobra grande recebe varias histórias e isso se da por existir inúmeras culturas. Por isso afirma-se que os seres encantados também estão presentes em outros povos não só na Amazônia, mas que em cada lugar esses seres recebem características de aparição diferente.

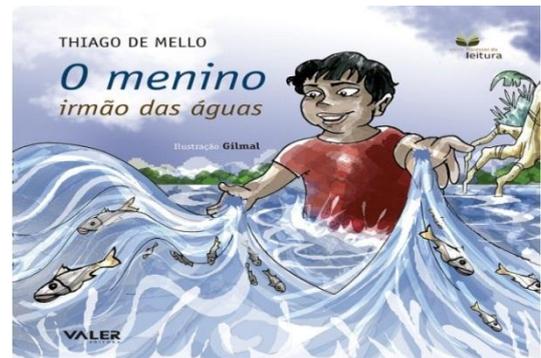
O poder imaginário dos povos é incontestável e faz parte do cotidiano da população amazônica e as pessoas vivem em função de suas histórias, o que é para a literatura amazonense uma marca de sua identidade cultural. As lendas são apresentadas com essa função dentro da literatura e são narradas de forma natural ao ponto de o leitor entender que mesmo não provado cientificamente a existência desses seres encantados, existem no subconsciente de cada indivíduo por meio do imaginário e podem fundamentar a existência de cada um. Tudo isso é mostrado nessa viagem sob o olhar de uma criança destemida, corajosa

e valente, que mesmo conhecendo os perigos da natureza se arrisca numa longa viagem imaginária na sua canoa feita de palha de açazeiro.

3.2 *O menino irmão das águas.*

É comum em nossa região amazônica as crianças nascerem e terem os primeiros contatos com o rio, ou na maioria das vezes com lagos que em maior número cercam nosso espaço. Os costumes transmitidos pelos pais avós e outras pessoas fazem com que as crianças nasçam com o mesmo entusiasmo de conviver com os rios e ver a natureza com os mesmos olhos, com cuidado, amor e também o mesmo medo, pois todos sabem que a natureza em algum momento se revolta com o homem. *O Menino irmão das águas* é a primeira obra do autor Thiago de Melo voltada especialmente para o público infante juvenil. E nela o imaginário é apresentado digamos como um romance entre um menino e as águas.

O livro narra a história de Pedro, um garoto que confia e admira as águas. A obra explora os contos, as lendas e outras histórias apresentadas e sempre deixam dúvidas ou ensinamentos a serem refletidos ao longo da existência humana. Pedro cai no rio e como um bom caboclo amazônico, conhecedor do lugar



onde vive, tem que enfrentar o perigo e conviver com a natureza, “*ao buscar uma árvore alta e galhuda, de braços aconchegantes*”. (MELLO 2011, p. 10).

As águas nessa narrativa exercem uma função importante, pois os rios banham em maior parte o planeta e na Amazônia as águas podem ter dois lados, tanto positivo como negativo. É por meio dos rios onde acontece a locomoção de comunidade a comunidade por meio de canoas, cascos e outros meios de transportes fluviais. A simbologia presente nesses meios de locomoção é muito forte neste contexto imaginário. Como podemos ver na citação:

Uma das características dos símbolos é a polivalência de significados. No caso do barco, denota inicialmente a morada sobre as águas. O barco é o berço redescoberto e no mesmo sentido evoca o seio ou o útero, o mar é o elemento embalador. A água transporta, embala adormece, devolve-nos a uma mãe. É símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos. (PINTO, 2012, Pág. 35).

Os meios de transportes utilizados na Amazônia vivem em constante harmonia com os rios, pois em contato um com outro, o homem tenta determinar para onde pretende seguir, e em momentos de “enfurecimento das águas” o homem precisa entender que naquele momento

ele deve parar e respeitar o espaço que não é o dele, para evitar que seu meio de locomoção seja lançado e invadido pelas águas causando um acidente.

É das águas que os povos da Amazônia tiram o seu alimento, pois o alimento mais comum é extraído delas é o peixe, porém nem sempre é permitido que essa extração seja feita, como parte dos costumes. Por isso a natureza ensina o homem a conviver em seu espaço, a respeitá-lo, pois do contrário em algum momento ela se revolta contra ele causando impactos devastadores.

Neste mesmo ambiente onde os povos que vivem nele tiram seu alimento é onde estão presente os seres encantados pertencentes ao imaginário cultural como a cobra grande e o boto, que são figuras mais comuns pertencentes ao folclore sociocultural.

É comum em narrativas da literatura infanto-juvenil a presença da criança como protagonista das histórias. Acredita-se que nessa fase o imaginário é presentificado pela imaginação da criança onde tudo se torna possível, e os escritores lançam mão desta ideia.

Tanto na obra *O menino irmão das águas* como em outras de outros autores, a produção de livros para crianças e jovens de escritores amazonenses tomam propósito de estimular a leitura e de alavancar as pesquisas voltadas para esse público numa proposta memorialística.

As narrativas apresentam histórias com temática amazônica e deixa os leitores em contato com temas complexos, mas de uma forma lúdica, informativa e formativa para as novas gerações.

3.3 *O Beija-flor e o Gavião.*

A obra *O Beija flor e o Gavião* apresenta uma historia de superação onde o autor inicia descrevendo o enredo, apresentando de forma clara as características do local e de alguns personagens que podemos identificá-los como os principais no decorrer da trama, como citado no trecho abaixo.

[...] há um velho sobrado de madeira, todo avarandado, em cima e embaixo. A pintura, de tons claros, é recente. Olhando-se de longe, vê-se o chão de terra preta cercado toda a casa, e as sombras projetadas pelas velhas árvores; mangueiras, ingazeiras, jambeiros... [...] há crianças de vários tamanhos, mas todos de idades muito aproximadas, com exceção de uma menina, a menorzinha, de pele bem morena, olhos grandes, lábios carnudos, e um rosto de lua cheia, que não participa das brincadeiras, mas não lhes fica indiferente. (PINTO, 2011, Pg. 11).

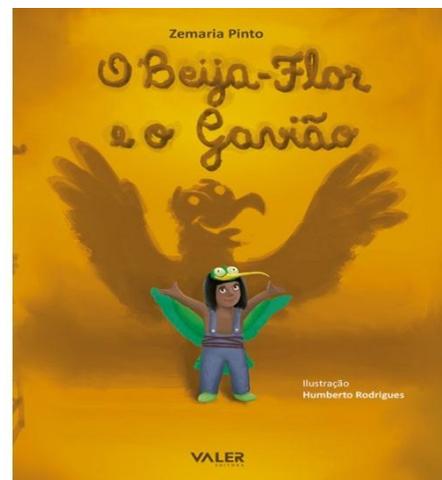
Um ponto importante na obra como observado na maioria dos livros de Zémária Pinto é a descrição de quem lhes conta a história caracterizando e ligando ao imaginário, sempre por uma senhora que a cultura do povo amazonense a denomina de “mãe velha”.

[...] em torno de uma velha cadeira de balanço, na qual se encontra uma senhora de idade indefinida, a cabeleira branca como algodão, que todos – crianças, adultos, vizinhos – chamam de Mãe – Velha. (PINTO, 2011, Pg. 11).

A contação de histórias é uma característica de costumes presentes na Amazônia. O cenário é o principal espaço descrito na narrativa de onde parte todo contexto que dará sentido no decorrer da história. Esse espaço usado vai fazer parte junto com momentos que marcam a vida do indivíduo até a fase adulta quando em algum momento se sentam em rodas e ouvem histórias contadas pelos mais velhos. Nesse instante o contador aguça o imaginário de quem os ouve de maneira a internalizar algo que será transmitido a outras gerações. Ainda sobre este meio vemos que:

A arte de narrar nos permite atravessar as fronteiras do mundo real, toscamente marcado pelos limites da mata ou da noite de sexta-feira, para nos embrenharmos no universo das histórias extraordinárias, porém sem perdermos as conexões com a vida prática. Os narradores deslizam entre dois mundos, com leveza, mas também com a convicção de que sua história extraordinária só poderá ser entendida se os ouvintes o acompanharem na viagem, compactuando com o mesmo código cultural. (LIMA, GONÇALVES, CORDEIRO. 2016. pag. 166).

No decorrer da obra acontece uma confusão agradável e nessa confusão podemos observar inúmeras formas de falar. As crianças, por exemplo, desenvolvem um linguajar próprio da cultura amazonense como típico da língua delas, uma tenta corrigir com convicção o modo de falar da outra achando que aquele é o certo. Toda bagunça do momento acontece por um único objetivo para que a “Mãe-Velha” conte uma história ou “estória” como usada pela maioria. E a Mãe velha prossegue contando às histórias que a mesma ouvia de sua mãe que ouviu de sua avó e assim por diante. Vemos nesse trecho algo comum em nossa região, pois a cultura do povo amazonense se sustenta assim, por histórias, contos, lendas, mitos, inventados a muitos e muitos anos atrás e que hoje se fazem presente através de contos narrados por nossos pais e que seguirão rumos para os filhos de nossos filhos.



O autor usa do mesmo meio da narrativa para apresentar em forma de peça o objetivo proposto por ele. Nesse momento ele busca inserir um sistema semiótico, o “teatro” para desenvolver o mecanismo da leitura e chamar a atenção do público leitor.

A história contada acontece em um terreiro onde o foco principal é uma galinha um tanto que diferente das outras, principalmente em sua forma física como descreve o autor. E é por essa forma diferente que seus amigos a denominaram de Grandona. Na verdade essa diferença se dá por esta ave não ser uma galinha, mas um gavião criado dentro de um galinheiro. E como em outras histórias para se tornar interessante aparecem outros personagens como um beija-flor ocupando o papel de melhor amigo.

A história contada por “Mãe velha” não é tão longa, mas bastou um pequeno conto para que a imaginação das crianças fosse além e assim resolveram interpretar em forma de teatro a história denominada “O Beija-Flor e o Gavião”.

Podemos perceber nesse trecho que o imaginário se dá de forma criativa, podendo ser renovado dependendo do ponto de vista que o mesmo é colocado. As crianças nessa narrativa precisaram de digamos um “empurrãozinho” dado pela narradora da história para em seguida recriar de outra forma uma nova história, porém com o mesmo fundo de significados da ideia inicial.

Esse método de descobrimento e recriação do imaginário pode se entendido da seguinte forma apresentado por Trindade e Laplantine: *“Para construir o processo do imaginário é preciso mobilizar as imagens primárias, como dos homens, cidades animais e flores conhecidas, libertar-se delas e modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói transforma o real”* (1997 PG. 26).

Podemos perceber também tanto nesta obra como em outras citadas em nossas pesquisas, em punho figurativo o uso de metáforas, onde o autor as usa para fazer ligação a um determinado contexto. Nessa obra estão implícitas algumas, principalmente dentro dos atos interpretados pelas crianças:

“Eu, Eu não fiz nada, meu caro... Essa visão poderosa você sempre teve. O problema é que você sempre olhou para o chão... E quem olha para o chão não vê o mundo...” (PINTO, 2011, Pg.40).

Quando o autor usa a metáfora, ele mesmo está tentando passar de forma clara sua ideia facilitando a comunicação do público receptor. São analogias comuns em nossa comunicação e nesta obra observamos principalmente no final da peça quando Mãe velha encerra com a seguinte frase:

“Viram como é difícil passar de galinha a gavião? É preciso determinação, força de vontade e, sobretudo, é preciso buscar a luz do sol... O sol é uma metáfora para muita coisa: amor, a fé, o conhecimento... cada um tem que descobrir o seu próprio sol” (PINTO, 2011, Pg. 47).

A narrativa busca passar mensagens importantes para o leitor. A citação acima busca por meio da análise do discurso passar uma reflexão quanto à importância de ter determinação na vida, usando a simbologia do sol, pois o mesmo nasce todos os dias, uma forma de motivação para dizer que a cada amanhecer há uma chance de encarar a vida, assim como para as aves que tinham medo, mas que em determinado momento precisariam encarar com coragem sua verdadeira identidade, *buscar seu próprio sol*; melhor dizendo buscar o sentido de sua existência.

O livro se encerra com o término da peça, sem mais acréscimos. O Gavião descobre então que não é uma galinha, aprende a voar e junto com o Beija-Flor saem livres curtindo a liberdade.

A relação homem e imaginário se ligam por meio da história onde se registram durante décadas a realidade da sociedade. Nesse sentido se encaixam os estudos do imaginário por estudiosos ao levantar em pesquisas instigantes de como esse processo do imaginário pode estar presente em meio à sociedade, por meio das imagens verbais ou mentais que durante décadas são produzidas nesta sociedade.

O processo do imaginário constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real. Esse possível real consiste na potencialidade, no conjunto de todas as condições contidas virtualmente em algo (TRINDADE e LAPLATINE 1997 Pág. 27).

Trindade e Laplatine nos resume o contexto do livro analisado nesse momento, pois encontramos nela e diversos meios possíveis de imaginarmos o real através das características dos personagens, do local e dos objetos em cena citados pelo autor.

Por meio do imaginário social é que hoje o homem vive e recria suas representações nesse processo que o acompanha na história, buscando não mais entender a causa e sim decifrar por meio da leitura histórica e social essas representações.

3.4 A buzina encantada

A narrativa em questão do autor *Elson Farias* é construída em forma de um auto que descreve a população dos povos Maué. Assim, partindo de uma lenda denominada a “Origem

dos bichos” a narrativa busca descrever costumes e ideologias que fundamentam a existência desses povos.

Atualmente, localizado no Rio Negro, esses povos recebem diversas denominações como: Mawés, maooz, mabué, mangués, mangês, jaquezes, manguases, mahués, magnués, mauris, maraguá, mahué e magueses, todos pertencentes à família lingüística sateré mawé do troco tupi.

Etimologicamente, o surgimento do nome seria uma junção da palavra *sateré* = “lagarto de fogo”, e *mawé*, que significa “papagaio inteligente e curioso”, porém segundo entrevistas relatadas por índios pertencentes a essa etnia há controvérsias em relação ao termo Maué, pois seria uma denominação feita pelos brancos que não gostavam dos índios e os chamariam de “mau é”, caracterizando-os como índios maus. (Sateré Maué-Povos Indígenas no Brasil, <http://pib.socioambiental.org>).

Os estudos de narrativas amazonenses possibilitam esse conhecimento sobre o porquê dos nomes. Muitas vezes o significado passa despercebido e foca-se apenas no fantástico presente nessas obras por apresentar a ludicidade por meio das imagens e de contos interessantes. O imaginário também se presentifica nessa especificidade em distribuir tais sentidos aos nomes ao relacioná-los com o espaço e se referindo a qualidade dos animais. A simbologia presente na natureza é um elemento característico não só nessa narrativa quando tratado os povos Maué, mas em outras denominações de tribos indígenas.

Cada ser da natureza recebe no imaginário cultural um adjetivo seja ele representando força, coragem, rapidez, entre outros. Nesta cultura o lagarto de fogo como característico do nome Maué, quer estimular a coragem e rapidez dos índios fazendo com que desde cedo eles cresçam com esse significado impregnado em suas memórias.

Nessa narrativa, observa-se a presença rítmica poética nas falas dos personagens, sempre ordenadas por um narrador.

Em análise da obra, pode-se perceber que a imaginação do autor viaja e se mistura a histórias originárias, criadas há muito tempo e repassadas por ancestrais dos povos no meio social em que elas são encontradas.

A simbologia é muito presente na narrativa. Pode-se dividir os personagens e identificar cada um com características específicas, como a mulher que em determinado momento desaponta seu marido ao mentir, como podemos ver na seguinte citação:

- Enganei meu marido, não estou incomodada, eu queria é vir à festa sem estar acompanhada.
 - Cocos de inajá no mato depois de abri-los juntei às larvas que eles tem dentro e nos cabelos passei.
 - Produzida assim, na festa estarei toda enfeitada, colar de inajá no colo, de corpo e espírito amada. (FARIAS 2012 Pág. 13)

Como parte da crença dos Maués, a mulher não poderia desrespeitar seu marido, muito menos ir a um lugar que não fosse acompanhada por ele, e isso é quebrado. Como consequência de seu ato ela e todos que estavam naquela festa foram castigados severamente.

Ao se basear na lenda da “Criação dos animais” pertencentes à cultura dos povos Maué, aparece nesse momento da narrativa o surgimento de diversas espécies de bichos.

Em contos de fadas característicos de outras culturas é comum o uso de uma “varinha” para que se produzam feitiços. Nessa narrativa a simbologia se faz presente por um instrumento extraído da própria natureza, a *buzina encantada*, por meio da qual é usada em forma de instrumento de sopro para que uma maldição fosse lançada a todos que estavam naquela festa, o índio acreditava que somente assim ele estaria em paz consigo mesmo, todos precisavam saber o que aconteceu naquele lugar. Foi uma atitude severa para limpar a própria honra como podemos ver no trecho abaixo:

-Ninguém vai sair de casa sem ouvir minha buzina. O meu melhor instrumento para limpar minha vida. (FARIAS 2012, p. 17)

E assim todos recebem uma maldição transformando-se em animais. A mulher, por exemplo, se transforma em tamanduá-bandeira caracteristicamente. Esse bicho tem o nariz comprido e pode-se fazer alusão à famosa história do “Pinóquio” o menino criado de madeira, quando o mesmo, ao mentir cresce seu nariz.

Segundo Freitas (2014), a mulher por outro lado exerce uma função de fundamental importância na comunidade. Ela é muito importante nos costumes dos povos Sateré-Mawé, elas têm funções nas solenidades culturais, são responsáveis pela educação e saúde dos meninos, torna-se dessa forma sujeito político e social imprescindíveis para a manutenção dessas manifestações culturais. Talvez a sociedade em geral não as considere um ser importante nem elas próprias se vejam dessa maneira, mas as ações e as atitudes que cabem a elas são definidas nos rituais e festividades comunitárias.

Nesse processo político presentificado pelo imaginário na sociedade, Pinto (2012), acerca de seus estudos sobre Carvalho (1987), fala que o imaginário tem essa função social em aspectos políticos, na construção de uma ideologia política tem o processo de elaboração através de um imaginário cultural o qual vai direcionar as pessoas, as sociedades que definem

suas identidades e seus objetivos, através de utopias, dos mitos, rituais e alegorias, tornando-se um campo de luta e poder, gerando o interesse de diferentes grupos pelo poder.

No contexto das obras que narram histórias por meio dos mitos e lendas dos povos que habitam o universo amazônico, podem-se destacar sobretudo, os costumes da sociedade em questão. A política pregada entre eles é um dos principais pontos discutidos, como encontramos nesta narrativa onde o marido assume um papel de autoridade maior, mostrando a imagem do homem. Nessa perspectiva sendo olhada de fora do espaço considera-se uma atitude machista, são atitudes tidas normais também característicos da personificação encontrada na pessoa homem, ali não é mais um ser comum, mas o sujeito que ele representa. Como descreve Orlandi (2013), o sujeito, ele não é uma entidade psicológica, ele é um efeito de uma estrutura social bem determinada, um sujeito criado culturalmente para uma finalidade política. Orlandi diz ainda que o sujeito é um processo importante e fundamental no capitalismo para que se possa governar.

Ligamos essa identidade a cultura indígena na qual o índio, personagem masculino, é trazido para um espaço fora da narrativa onde vemos a organização política da sociedade com bases nessa ideologia, características do imaginário social. Campbell (1904-1987) fala sobre esse sujeito criado socialmente trazendo para a mitologia.

A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para a responsabilidade de adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar para fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. [...] quando você um juiz adentra o recinto do tribunal e todos levantam, você não está se levantando para o indivíduo, mas para a toga que ele veste e para o papel que ele vai desempenhar. (CAMPBELL 1904-1987, pág. 12).

Torna-se um tema polêmico atualmente, mas que para a culturalidade como identidade daquele grupo não era de se estranhar, pois faz parte de suas ideologias.

Quando abordamos o imaginário em análise nesta narrativa, querem mostrar que ele vem acompanhado de outra questão socialmente discutida e que não deixa de ser polemizada por muitas pessoas, pois se trata da “fé” que se faz muito presente não só dentro desta narrativa, mas de modo geral é um fator que assume um papel muito importante no mundo atualmente e que caracteriza a identidade de muitos povos.

Seberna (2003) escreve sobre o processo de ideologia e a presença do imaginário quando diz que o campo do imaginário torna-se um espaço de enfrentamento político, tornando-se importante nas mudanças políticas e sociais nas criações de identidades coletivas,

na existência do real empírico, sua função marginal, ou seja, a posição ocupada no imaginário de um grupo social.

Culler (1999) diz que as narrativas são mecanismos poderosos de internalização das normas sociais. Contudo, surgem também como crítica social, pois expõe a vacuidade do sucesso mundano, a corrupção do mundo, seu fracasso em satisfazer nossas mais nobres aspirações.

Na obra a fé é destacada como uma herança sendo repassada a gerações. O autor busca assim dar continuidade a esse processo memorialístico dos povos Maué sendo bem representada na narrativa acompanhada de muito misticismo e imaginário.

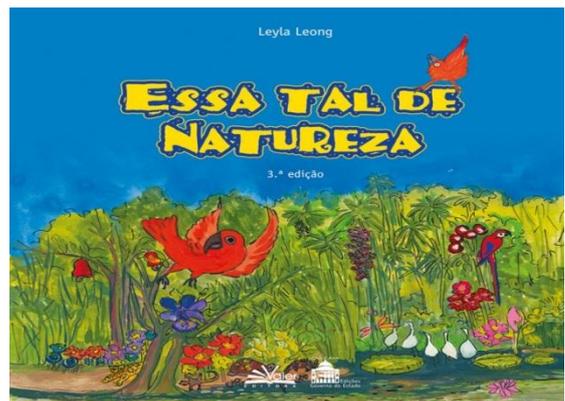
3.5 *Essa Tal de Natureza*

Leyla Leong nessa narrativa busca desenvolver também por meio das imagens o interesse dos leitores chamando a atenção para uma problemática que sempre existiu na sociedade; o espaço da natureza, a cidade e suas modernidades.

A narrativa ressalta ainda para uma briga constante que existe entre os povos da cidade para dominar os espaços da floresta, muitas vezes deixando em extinção muitos animais que são obrigados a sair do seu *habitat* por não ter onde ficar. Essa ambição do homem da cidade pela natureza ainda não explorada gera a destruição da fauna e da flora por meio das queimadas e da poluição dos rios.

O cenário apresentado na narrativa é composto por inúmeros animais, de diversas espécies que vivem em harmonia como: onça pintada, jacaré, o bicho preguiça, diversas árvores e peixes. Tal cenário diferencia-se do espaço habitado pelos homens, com adversidades e brigas constantes por espaço.

A narrativa se desenvolve a partir de um pássaro chamado de *curioso* pelo narrador, com isso ele apresenta a narrativa, ao sair de seu espaço para conhecer como é o mundo além de seus olhos:



-Tenho de criar coragem para voar bem pra lá desse horizonte. Estou cansado desta rotina. Já conheço todo mundo já sei de todas as coisas. Quero ver coisas novas. (LEONG 2010, P.9).

Através da fala do personagem pode-se relacionar também as crianças ao chegar à fase da adolescência ou juventude quando querem descobrir coisas novas no mundo, entediadas do lugar onde vivem e por isso saem em busca de novos desafios.

Voltando para a narrativa o personagem principal ao se lançar nessa busca por coisas novas, percebe ao longo do caminho a destruição causada pelo homem nesse espaço que ele começa a desconhecer em um lugar não tão distante de onde estava.

Durante a viagem, viu a natureza transformar-se. Quanto mais se afastava da mata, mais estranho se tornava o ambiente. A alegria dos sons, a variedade dos verdes e o frescor da folhagem foram ficando para trás. Agora o que ele via eram galhos secos e retorcidos. Um pesado silêncio embrulhava a natureza. (LEONG, 2010, P.11).

Outra vez a narrativa volta para a questão do espaço. A citação faz entender o começo de modificações que o personagem irá conhecer, trazendo para o lado humano, ao aventurar-se em novos caminhos o homem nunca pode prever ao certo o que os caminhos podem lhe apresentar. Em seguida, a narrativa apresenta um espaço já habitado pelo homem, onde as *pedras* como denominadas pelo autor, tomam lugar de um espaço onde só existiam árvores, pois esse lugar que hoje o homem faz morada e se sente dono já pertenceu a floresta, eram habitadas por animais e bichos. A natureza era a dona, mas o que pode perceber é o pensamento instintivo de dominação do homem em sempre querer dominar o mundo.

A imagem neste momento da narrativa é bastante representativa, pois aparecem diversos prédios tomando quase toda imagem deste capítulo como forma intuitiva de dizer sobre o poder de ambição do homem pelo espaço, presença de pessoas, e automóveis carregando tronco de árvores cortadas.



O momento ápice da narrativa acontece quando um guarda avista o pássaro. O homem ao incomodar-se com o cantar do animal e sem pensar prepara sua arma e atira. O pássaro ferido volta com muito esforço para a floresta. Leyla Leong usa o gênero fábula na narrativa para atentar aos riscos causados pelo homem, ao tornar-se um predador da natureza.

Outro ponto importante é a presença dos mais velhos em narrativas, como processo memorialístico na maioria das narrativas ao usar do imaginário social para presentificar-se, Observa-se em um trecho da narrativa:

De repente, alguém lembrou que o velho mais velho da cidade poderia saber. Afinal os velhos sabem tanta coisa... (LEONG 2010, P.25).

Assim como os mais velhos, as crianças também são presentes na maioria das narrativas. O diálogo dos mais velhos com as crianças se tornam característicos na sociedade, como citado na narrativa de Zemaria Pinto *O Beija-flor e o Gavião*, a contação de histórias e a sabedoria dos mais velhos são marcantes, pois é através deste processo imaginário da contação de histórias que a oralidade se fortalece sendo passada de geração a geração.

No decorrer da narrativa percebe-se que a natureza tenta uma amizade com os homens da cidade, na representatividade do Rei das Datas. Com características indígenas, ele escreve uma carta informando de uma visita para que a paz fosse estabelecida entre os dois povos.

E mais uma vez observa-se o interesse do homem dominado pela ambição, que ao agir com interesse e falsidade, tenta roubar as riquezas presente na natureza.

*-Preste atenção – pediu o tatu.
 -dentro dessas sementes está guardada a Natureza. Leve-as para a cidade e guarde-as dentro da terra. Todos os dias dê água para elas, misturada com muito carinho.
 -Só isso?
 -Depois acontece um milagre – ensinou o tatu.
 -Começam a nascer plantinhas, que mais tarde se tornarão árvores, que darão frutos gostosos, que os passarinhos virão comer e...
 -E?
 -E, outros bichinhos virão morar nos troncos, passarinhos farão seus ninhos neles, as folhas se molharão com a chuva e...
 -E tudo isso é a Natureza! (LEONG, 2010, P.41).*

No final da narrativa uma lição é dada aos homens, ao deixar entendido que cada ser por menor que seja faz parte da natureza. Quando o soldado ao pegar uma flor tenta rouba-la ao dizer que ela seria a natureza, todos da floresta dizem em uma só voz que também teriam que ir juntos, pois todos eles também eram a natureza.

CONCLUSÃO

A literatura Infanto-juvenil amazonense ainda precisa de uma atenção maior quanto sua divulgação, apesar da existência de obras destinadas a este público, as pesquisas precisam ser intensificadas dentro e fora da universidade, o indivíduo nas series iniciais e no ambiente acadêmico tem conhecimento de literatura, de obras nacionais e internacionais que descrevem um espaço distante, porém é preciso que se leve essas pesquisas em estudos pedagógicos para as salas de aula.

Como processo memorialístico é necessário que os professores tenham em mente a importância de estudar a literatura amazonense e as leve para suas práticas escolares, o indivíduo desde cedo precisa ter conhecimento da importância histórica da literatura que aborda seu espaço social.

As narrativas elencadas neste trabalho apresentam parte das riquezas contidas neste universo chamado amazonas, com elas podem-se perceber diversos fatores que foram fundamentados no decorrer da pesquisa, observou-se uma riqueza ainda desconhecida por muitos, pois, tratam-se do mito, lendas, e do imaginário e suas simbologias que fundamentam a maneira de ser e viver das pessoas que habitam este espaço. Tratando deste espaço amazônico buscou-se relacionar aos mitos existentes, não adentrando as partes mitológicas, buscou-se relacionar e verificar apenas qual diferença existe em classificação de mito e o imaginário nas narrativas.

Muito se fala dos povos indígenas, muitas pessoas criam conclusões distorcidas a respeito dos habitantes do espaço amazônico, muito do que se tinha antes de memorialístico ficou distorcido no decorrer da história, pelo preconceito do próprio nato amazônico, quando na visão dos visitantes eram povos rudes com uma cultura pobre comparada as demais culturas, para muitos seriam povos sem cultura, e desde o início se procurava civilização aos povos da Amazônia não como forma de dialogar ensinamentos, mas de impregnar outra identidade que na visão dos demais seriam a certa.

É notória no decorrer da pesquisa a dificuldade que o imaginário teve para ser reconhecido dentro da sociedade e principalmente da literatura. Com isso a utilização do mesmo precisa nos dias atuais ser mais trabalhada, através de pesquisas fazendo que este estudo seja inserido em todos os meios de pesquisas. Uma vez que o espaço amazônico é rico em culturalidade, as pessoas que ainda não o conhecem precisam entender sua importância como construção social, apesar de uma existência nítida através da oralidade das histórias, o imaginário precisa ser reconhecido também no ambiente literário.

A preocupação surge no fato dessas histórias serem recontadas ao longo do tempo e nos dias atuais elas não são contadas mais com tanta veracidade com que eram contadas há tempos atrás.

Se tratando de autor e obra, a maioria das narrativas traz consigo uma espécie de autobiografia, uma vez que a identidade do autor é muito presente nas narrativas, nelas eles buscam descrever o espaço onde vive os costumes, credices e relembram momentos marcantes da infância. Com a imagem da criança, os autores buscam remeter o leitor a um passado não tão distante, onde a maior sensibilidade imaginária é aguçada levando-os as maiores aventuras da vida.

As imagens trazidas neste trabalho buscam levar o leitor mesmo que por um momento ao diálogo que as imagens têm com as histórias contadas. Por essas obras serem pouco divulgadas é que o autor busca de forma lúdica contextualizar o espaço e as imagens como forma de chamar a atenção do leitor a uma leitura de imagem, essas que segundo Durand podem ser classificadas como imagens do regime diurno e do regime noturno.

Acredita-se que, se intensificar os estudos sobre literatura infanto juvenil amazonense se consiga valorizar ainda mais junto com as poucas pesquisas voltadas para este campo de estudo, pois mesmo as narrativas amazonenses carregando um teor lúdico por meio das imagens e personagens, elas carregam em si um teor reflexivo e crítico social, conseguem levar o leitor a um espaço rico de diversidade natural.

Ao mesmo tempo em que se torna literatura, as histórias desenvolvem no leitor o pensamento crítico em relação a este espaço, a Amazônia é ameaçada, com ela toda bacia semântica é ameaçada pelo próprio homem que dela tira o sustento, o abuso do poder social é maior que o desejo de preservar, e a maioria das narrativas buscam fazer um aleta para a preservação desse espaço rico, mas que precisa de cuidado.

Este trabalho além de contribuir com pesquisas voltadas para a literatura infanto-juvenil amazonense, dando maior visibilidade à literatura local se encarrega de fortalecer ainda mais com outras pesquisas já existentes, inclusive junto às narrativas de autores amazonenses, fazendo com que informações contidas neste trabalho cheguem com maior facilidade a pessoas que desconhecem este campo de estudo.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional/[traduzido pela comissão de tradução da sociedade Bíblia sagrada] – São Paulo

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987. *O poder do mito* / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moises – São Paulo : Palas Athena, 1990.

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Tradução por Guy Reynald. 2.ed., Rio, Paz e Terra, (1975). 1986. 418p.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa Qualitativa e ciências humanas e sociais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CULLER, Jonathan, *Teoria literária: uma introdução*, tradução Sandra Vasconcelos – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

CULLER, Jonathan. *In Teoria literária*. São Paulo: Beca, 1999 - www.uern.br.

DURAND, Gilbert, *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

ELIADE, Mircea. 1907-1986 –*Mito e Realidade*.- São Paulo: Perspectiva, 2010.

FARIAS, Elson. *A buzina encantada*. Manaus: Editora Valer, 2012.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Marcos. *A experiência do trabalho comunitário das mulheres indígenas Sateré Mawé na comunidade Simão*. 2014.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – *Como elaborar projetos de pesquisa* – 5. Ed. – São Paulo : Atlas, 2010.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*/trad. De Johannes Kretschmer. 2. Ed. . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KRUGER, Marcos Frederico. *Amazônia mito e literatura* - Manaus: Editora valer, 2003.

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. *O que é o imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEONG, Leyla. *Essa tal de natureza*. 4º Ed. – Manaus: Editora Valer, 2010.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. /GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno/ CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Orgs). *Leitura e Literatura do Centro às margens: entre vozes, livros e redes*/ Elizabeth Gonzaga de Lima/Luciana Sacramento Moreno Gonçalves/ Verbena Maria Rocha Cordeiro (Orgs.) Campinas São Paulo, 2016.

MELLO, Thiago de. *O menino irmão das águas*. Manaus: Editora Valer, 2011.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento*. 10. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2007

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*- 11ª Edição, Campinas, SP Pontes Editora, 2013.

PINTO, Marúlina. *Conceição Oliveira Bessa Serra. Cultura e Ontologia no mito da cobra encantada*. / Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

PINTO, Zemaria. *O beija flor e o gavião*. Manaus: Editora Valer, 2011.

PRODANOW, FREITAS: *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* 2ªed. Ed Valer 2013

ROCHA, Everardo. O que é mito,-São Paulo: brasiliense,2008.- (Coleção primeiros passos; 151).

SABERNA, Carlos Augusto. *Imaginário, Ideologia e Representação Social*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinares em Ciências Humana- PPGICH. 2003.

Sateré Maué-Povos Indígenas no Brasil, <http://pib.socioambiental.org>.

SEVERINO, Antônio Joaquin, 1941 – *Metodologia do trabalho científico* / 23. Ed. Ver. E atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

SICSÚ, Delma Pacheco. *O imaginário em narrativas da literatura infantojuvenil amazonense*. / Delma Pacheco Sicsú. – Manaus: UEA, 2013.

SOUZA, Marcio. *A expressão amazonense - do colonialismo ao neocolonialismo*. 3ª Ed- Manaus: Editora Valer, 2010

YAMÃ, Yaguarê. *Um curumim, uma canoa*. Ilustração Simone Matias. Rio de Janeiro: Zit, 2012.